

ESPAÇO ABERTO

FHC e o Real, 30 anos

Celso Lafer

estadaodigital#wsmuniz30@gmail.com

Há 30 anos teve início o Real, que debelou anos de alta e crônica inflação, com efeito corrosivo no dia a dia da vida das pessoas. Teve um impacto perdurável. Transformou a sociedade brasileira, propiciando a previsibilidade econômica e social das expectativas.

A moeda não serve apenas para comprar e vender. É, como a língua e a bandeira, um símbolo nacional, na observação antropológica de Darcy Ribeiro. Tem, com sua dimensão de credibilidade, uma função aglutinadora fundamental. Foi o que observou FHC em *Arte da Política*, livro de reflexão sobre a sua experiência, em que dá relevante destaque ao que foi a tarefa política da implantação do Real, um dos seus duradouros legados para o País.

O legado de um homem de Estado se mede, ensina Joaquim Nabuco em *Balmaceda*, pelo inventário de como encontrou o País e como o deixou. O saldo do legado de FHC é múltiplo e altamente superavitário. Um dos seus grandes componentes é o Real, fruto da sua atuação co-

mo ministro da Fazenda do governo Itamar Franco e que se aperfeiçoou nos seus dois mandatos presidenciais.

A consolidação do Real como moeda tornou-se uma adquirida conquista da sociedade brasileira. FHC foi seu grande e democrático timoneiro. Teve a liderança no delinear dos rumos, soube mobilizar o conhecimento técnico para viabilizar os rumos da estabilização e, com o seu domínio das “artes da política” e sua capacidade de se comunicar e convencer a sociedade brasileira, construiu o caminho do Real.

A coragem, o sentimento de suas próprias forças, é uma indispensável virtude política. FHC possui esta virtude forte e revelou ao deixar o “à-vontade” de sua qualificada atuação no Itamaraty e o seu papel na articulação política do governo, e aceitar o convite-convocação do presidente Itamar para ser o seu quarto ministro da Fazenda. Uma responsabilidade assumida em meio a uma inflação de 30% ao mês, tendo como pano de fundo quatro recentes planos de estabilização fracassados. Cabe lembrar que era grande o ceticismo dos ato-

É justo dizer que, graças à sua atuação, Fernando Henrique Cardoso ampliou até os dias de hoje o controle da sociedade brasileira sobre o seu destino

res políticos e econômicos na capacidade de FHC, nas incertezas da conjuntura da época e no pouco tempo que tinha pela frente, em razão do término do mandato de Itamar para levar a bom termo a sua desafiante empreitada.

FHC identificou no empreito do convite-convocação

para assumir o Ministério da Fazenda – que ele não buscou e não estava nos seus planos – uma grande oportunidade para servir, ao seu tempo na vida brasileira. Ulysses Guimarães, com sabedoria política, observou que há horas difíceis para uma tomada de posição. Pontuou que todo político tem o seu Rubicão. Atravessa-o e se consagra ou estanca na sua margem e se liquida. FHC, ao aceitar o Ministério da Fazenda, atravessou o seu Rubicão e se consagrou como estadista.

Itamar Franco não era uma personalidade fácil, mas era um homem de bem, preocupado com a inflação. FHC tinha o benefício do seu prévio convívio e conhecimento no Senado. Itamar deu a FHC liberdade para a formação de sua equipe técnica.

Uma das características da liderança de FHC e de sua visão estratégica era a sua convicção de que “o grande político é o homem que consegue juntar pessoas de talento”. Reuniu uma equipe de qualificados economistas que se tinham dedicado aos temas da teoria econômica da inflação, examinando com vocação acadêmica as razões que levaram ao fracasso planos anteriores e concebendo alternativas inovadoras. Tinha no relacionamento com a sua equipe o indispensável dom da autoridade reconhecida e consentida.

A organização do plano complementou-se com uma indispensável articulação no Congresso, cujas inúmeras dificuldades na tramitação de necessária legislação FHC deslinhou com seus dotes de parla-

mentar respeitado e apreciado pelos pares. Obteve encaminhamento da dívida externa que adicionou credibilidade internacional à sua gestão. Arrematou o caminho do Real com a originalidade da URV.

A URV, uma unidade de conta com reajustes diários, conviveu temporariamente com o desvalido cruzeiro até sua extinção, quando foi substituído pelo real com a paridade estipulada pelo dólar. Como sintetizou FHC, a URV foi matando a inflação com seu próprio veneno.

Explicar o Real e a URV para a sociedade brasileira não era tarefa fácil, não apenas pela sua complexidade técnica. Era necessário superar com transparência as desconfianças do passado recente e indicar que o plano não envolvia congelamento de preços e salários ou qualquer tipo de medida arbitrária ou surpreendente.

Foi a convicção democrática de FHC que abriu os caminhos do Real. É o que explica seu empenho obsessivo de persuadir a sociedade brasileira, de formar os consensos mínimos dentro do governo, no Congresso, com os partidos e entre os agentes que tomam as decisões ou impedem que sejam tomadas.

Nos 30 anos do Real e na proximidade dos 93 anos de FHC, é justo dizer, pelo recorte deste artigo, que graças à sua atuação ele ampliou até os dias de hoje o controle da sociedade brasileira sobre o seu destino. ●

PROFESSOR EMÉRITO DA FACULDADE DE DIREITO DA USP. FOI MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (1992, 2001-2002)

FÓRUM DOS LEITORES

O Estado reserva-se o direito de selecionar e resumir as cartas. Correspondência sem identificação (nome, RG, endereço e telefone) será desconsiderada. E-mail: forum@estadao.com

Tentativa de golpe

O dever do general

Ex-comandante do Exército ameaçou Bolsonaro de prisão em caso de golpe, diz ex-chefe da FAB (Estado, 15/3). Nasce um novo herói nacional? O general Marco Antônio Freire Gomes teria cumprido seu dever ao informar o então presidente da República, Jair Bolsonaro, de que ele seria preso caso levasse adiante um golpe de Estado. Num país miserável de novos líderes, tão castigado pela corrupção generalizada e pela impunidade absoluta, bastou um cidadão cumprir seu dever para salvar a República.

Mário Barilá Filho
São Paulo

Segurança pública

Ponto de não retorno?

No dia 14 de fevereiro, uma dupla de delinquentes aprisionada num presídio federal de máxima (in)segurança localizado na cidade de Mossoró (RN) conseguiu

fugir. De lá para cá, foram mobilizados aproximadamente 600 policiais, helicópteros, viaturas, drones e o diabo a quatro. Todo esse aparato nada conseguiu neste um mês de perseguição, fazendo lembrar um autêntico exército de Brancaneone tupinicanizado. Francamente, não sei se o fato inspira riso ou choro. Na realidade, o sistema de segurança e o Judiciário brasileiro impõem um gasto orçamentário digno de países ricos, mas, para funcionar a contento, carecem muitíssimo de tecnologias de inteligência à altura – minimamente – das que são desenvolvidas pelo crime organizado. Tudo isso é resultado de décadas e décadas de omissão do Estado no que tange ao combate à criminalidade. A situação chegou a um ponto quase impossível de contornar. Este é o tributo pago pela sociedade por usufruir de um país “abençoado por Deus”. Prevalece a máxima de que o Brasil é um país muito sério na falta de seriedade.

Emmanuel Agostinho de Oliveira
Vitória da Conquista (BA)

Sequestro na rodoviária

A Lei n.º 7.210/84, conhecida como Lei de Execução Penal, precisa ser revista. O lamentável sequestro que aconteceu na semana passada numa das maiores rodoviárias do Brasil, no Rio de Janeiro, acendeu um sinal de alerta. Um presidiário que gozava do regime semiaberto, com anotações criminais por roubo (incluindo um assalto a mão armada num ônibus, em 2019) e portando uma pistola, feriu gravemente um homem e causou enorme transtorno a milhares de pessoas, que tiveram o seu direito constitucional de ir e vir violado.

Luiz Felipe Schittini
Rio de Janeiro

Lula e a economia

Visita aos dinossauros

Quando precisou de recursos para o pré-sal, Lula visitou alegremente a Bolsa de Valores de São Paulo para abrir o pregão e vender ações da Petrobras, batendo aquele famoso martelo. Apesar de uma foto valer mais que mil

palavras, agora Lula acha que o mercado não pensa no povo, só visa a lucros e que as empresas deveriam seguir o “pensamento desenvolvimentista do governo”. Em sua visão de capitalismo de umbigo, sonha com o planejamento central, como na antiga União Soviética, onde as empresas eram todas estatais e obedeciam às vontades do Estado. Em seus devaneios de grande guru do mundo, aparenta desconhecer que os 50 anos do regime soviético foram majoritariamente direcionados ao desenvolvimento militar e espacial à custa da miséria do povo, e resultaram na quebra do país. Seria seu grande sonho ser um Putin da Silva?

Alberto Mac Dowell Figueiredo
São Carlos

Na memória

A intervenção política de Lula na Petrobras afeta o setor sucroalcooleiro, que ainda tem vívidos na memória os anos turbulentos em que a súcia petista esteve no poder, em especial durante a administração fatídica de Dilma

Rousseff. Nos seis anos sob o comando da mais disléxica e disfuncional presidente da República – e olhem que mediocridade tem sido uma exigência imperiosa no currículo de quem ocupa o Planalto nos últimos 20 anos, exceção feita ao presidente Temer –, o setor perdeu em receita e fatia de mercado algo próximo de R\$ 80 bilhões a valores de hoje. Autêntico lambe-botas de ditaduras de esquerda, Lula, em seus sonhos megalomaniacos, gostaria de transformar a Petrobras nos moldes da PDVSA, da Venezuela, país que ele diz ser um exemplo de democracia. As declarações incoerentes de Lula provocam questionamentos: originam-se de um raciocínio mal elaborado no seu cérebro ou de impulsos menos nobres no seu instinto, reflexo direto de sua retórica descompromissada? Não surpreende, portanto, que sua popularidade esteja em franca queda, esgotando abaixo, em direção ao desprezo popular.

Arnaldo Luiz Correa
Santos